

*Metamorfose paisagística: o visto e o não visto
nos relatos de Saint-Hilaire e de Seidler
(Rio Grande do Sul – século XIX)*

Marcos Antônio Witt
UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

ABSTRACT

This paper aims to analyse how came to happen the metamorphosis of the landscape in the North Coast of Rio Grande do Sul (NCRS) This can be understood through the reports of the travellers Auguste de Saint-Hilaire and Carl Seidler. Both travellers toured in the NCRS in the 1820s. They witnessed historic events since the transit of the soldiers until the settlement of the germans colonists. What was seen by Seidler and not seen by Saint-Hilaire makes possible to realize the changes that occurred in the area that now is called NCRS.

Keywords: Metamorphosis; landscape; Saint-Hilaire; Seidler; North Coast

O presente texto tem como objetivo analisar como se deu a *metamorfose paisagística* do Litoral Norte do Rio Grande do Sul (LNRS), a qual pode ser compreendida através dos relatos de dois viajantes: Auguste de Saint-Hilaire e Carl Seidler. Os dois viajantes excursionaram pelo LNRS na década de 1820 e presenciaram fatos históricos que compreendem a passagem de soldados até o assentamento de colonos alemães. O que foi visto por Seidler e deixou de ser visto por Saint-Hilaire possibilita analisar como se deu a transformação do espaço que ora denominamos de LNRS.

Palavras-chave: Metamorfose; paisagem; Saint-Hilaire; Seidler; Litoral Norte

Quando viessem colonos em superabundância desejaria ser autorizado para plantar uma pequena colônia no sítio chamado as Torres: é um ponto importantíssimo, a chave propriamente da Província da arte do Norte¹.

O presente texto tem como objetivo analisar como se deu a *metamorfose paisagística* do Litoral Norte do Rio Grande do Sul (LNRS) a partir da instalação da Colônia Alemã das Torres, em 1826. Essa *metamorfose* pode ser compreendida através dos relatos de dois viajantes: Auguste de Saint-Hilaire e Carl Seidler. O espaço denominado de LNRS tem como limites, de um lado, as cidades de Santo Antônio da Patrulha, um dos quatro primeiros municípios do Rio Grande do Sul, criado em 1809, e de Osório, hoje mais conhecida em função da energia eólica, e de outro, a praia de Torres, junto ao rio Mampituba. No total, são 24 municípios que formam a região denominada de LNRS². Já o espaço colocado em evidência neste texto, a Colônia Alemã das Torres, deveria ter sido instalado nas proximidades de um pequeno vilarejo situado às margens do rio Mampituba numa microrregião que envolvia o rio, o oceano Atlântico e os montes que se elevam junto à praia.

Decorrente de uma ordem imperial, a instalação da Colônia estava inserida num grande projeto de desenvolvimento pensado para o Brasil recém-independente. Porém, antes mesmo da independência, D. João VI manifestava-se a favor da criação de núcleos de trabalhadores formados por estrangeiros (mão de obra livre, branca, preferencialmente europeia). Assim, a província do Rio Grande do Sul recebeu, em 25 de julho de 1824, os primeiros imigrantes alemães; dois anos depois, em 1826, o governo decidiu enviar aproximadamente 400 colonos alemães para ocuparem a *Ponta das Torres*, isto é, a área vulnerável junto ao rio Mampituba, considerada uma das portas de entrada para a província mais meridional do Brasil, a qual estava localizada muito próxima de Laguna, porto estratégico da província de Santa Catarina.

Assim, em 17 de novembro de 1826, esse agrupamento de agricultores e artesãos chegou ao povoado *das Torres* onde deveria produzir alimentos, defender a região de possíveis invasões e, os homens, servir como soldados. O lugar era composto de um presídio (forte construído para defender a região fronteira), de algumas casas e de áreas de campo e de lavoura. Uma vez chegados ao local de destino, os colonos deveriam ser assentados em pequenas propriedades agrícolas. No entanto, o rio Mampituba provocou uma grande enchente, inundando a área que seria destinada aos agricultores; afora isso, o número de estrangeiros enviados às *Torres* foi maior do que o combinado. Com esses dois problemas, o responsável pela criação do núcleo colonial constatou que a área reservada para o assentamento era insuficiente. A solução encontrada foi dividir o grupo em dois: os evangélico-luteranos (protestantes)

¹ José Feliciano Fernandes Pinheiro, presidente da província do Rio Grande do Sul, em carta escrita ao Sr. Luiz José de Carvalho e Mello, do Ministério das Relações Exteriores, no dia 22 de abril de 1824. *Revista do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul* – APERS, n. 15-16, Set/Dez de 1924. Livro 6. Correspondência ativa do governo da província com o governo central, p. 15.

² 24 municípios compõem a AMLINORTE (Associação dos Municípios do Litoral Norte do Rio Grande do Sul): Arroio do Sal, Balneário Pinhal, Capão da Canoa, Capivari do Sul, Caraá, Cidreira, Dom Pedro de Alcântara, Imbé, Itati, Mampituba, Maquiné, Morrinhos do Sul, Mostardas, Osório, Palmares do Sul, Rolante, Santo Antônio da Patrulha, Tavares, Terra de Areia, Torres, Tramandaí, Três Cachoeiras, Três Forquilhas, Xangri-lá.

foram enviados ao Vale do rio Três Forquilhas, um pouco mais distante do povoado – pois estavam acompanhados de médico e pastor – e os católicos foram arranchados junto às lagoas do Morro do Forno e do Jacaré, bem mais próximos do presídio *das Torres*. A partir disso, as duas Colônias se desenvolveram individualmente, cada qual de acordo com suas especificidades.

Torres, hoje, é identificada como área de veraneio e ostenta o título de “a mais bela praia gaúcha”. De acordo com o site da prefeitura municipal, a data de fundação da cidade corresponde a 21 de maio de 1878, quando se emancipou de Santo Antônio da Patrulha. Durante o verão, a população (flutuante) pode chegar à cifra de 200.000 habitantes. Já a população residente está estimada em 33.680 pessoas, numa área de 161,76 km². Quanto ao clima, ele é classificado como subtropical úmido. Segundo especialistas, o clima dessa região é controlado por massas de ar tropicais e polares, com predominância da massa tropical atlântica, que provoca chuvas fortes e a temperatura média é de 24° C. O município de Torres possui este nome devido à existência de três grandes rochedos de origem vulcânica, formados por rochas basálticas, do período Jurássico/Cretáceo (Era dos Dinossauros), com aproximadamente 140 milhões de anos, que afloram à beira-mar, um aspecto único do litoral brasileiro. São as seguintes as torres: Torre do Norte (Morro do Farol); Torre do Centro (Morro das Furnas) e Torre do Sul (onde está a Praia da Guarita)³.

Conforme diz o título deste texto, o foco da análise foi direcionado à produção escrita de Saint-Hilaire (2002, p. 11-26) e Seidler (1980, p. 219-238)⁴, os quais excursionaram pelo LNRS em períodos distintos: o primeiro, no ano de 1820, e o segundo, no final dessa mesma década, mais precisamente em 1829. Portanto, há, mais ou menos, nove anos entre uma passagem e outra. Como os dois viajantes abordaram a questão da geografia e da natureza em seus escritos, é possível investigar, através dos seus testemunhos, se houve mudanças no cenário litorâneo a partir da instalação da Colônia Alemã das Torres. A passagem de Saint-Hilaire e de Seidler pelo LNRS está inserida num contexto de visita e descoberta das riquezas brasileiras impulsionadas pela vinda da Corte portuguesa, em 1808. O francês Saint-Hilaire, como cientista, integrou o grupo que percorreu diversas regiões do Brasil, a fim de mapear fauna, flora e agrupamentos humanos, indígenas ou já nacionais. Seidler, que não era um cientista, usou o litoral brasileiro como área de deslocamento. Porém, mesmo que sua passagem pelo Sul tenha tido outros objetivos, soube registrar o que observou. O hábito das anotações e dos desenhos, na forma de diários, cadernos de campo e outros tipos de relatório e/ou registro, fazia parte do cotidiano de praticamente todos os viajantes.

Metodologicamente, optou-se por trabalhar os dois viajantes individualmente para, depois, se estabelecer algumas comparações entre eles. A sequência das análises se deu em razão da cronologia das excursões, isto é,

³ Conforme pesquisa realizada nos seguintes sites: <http://www.ambientebrasil.com.br>, acesso em 4/1/2012; [http://pt.wikipedia.org/wiki/Torres_\(Rio_Grande_do_Sul\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Torres_(Rio_Grande_do_Sul)), acesso em 4/1/2012; <http://www.torres.rs.gov.br/>, acesso em 4/1/2012.

⁴ Quanto a Saint-Hilaire, a versão publicada pela editora Itatiaia também foi contemplada nessa análise. As diferentes traduções – a da editora Martins Livreiro foi realizada por Adroaldo Mesquita da Costa e o da Itatiaia, por Leonam de Azeredo Penna – do francês para o português revelam praticamente o mesmo conteúdo. Porém, cada tradução é única e se constitui em um texto diferente. Nesse sentido, as duas obras foram lidas e analisadas. Ver também Saint-Hilaire, 1974.

Saint-Hilaire foi o primeiro a passar pelo LNRS; Seidler, o segundo. Da mesma forma, os dois testemunhos escritos foram interpretados como relatos de viajantes, os quais, muitas vezes, revelam o olhar de alguém que vem de fora, do estrangeiro que se encanta com as belezas do Brasil, mas, também, que supervaloriza ou se espanta com o exótico. Afora isso, os escritos foram analisados como representação e não como a descrição do real; teve-se ciência, o todo tempo, de que o que ficou registrada foi a visão de alguém que passou pelo LNRS. Ao se trabalhar a partir dessa prerrogativa, fez-se necessário analisar o discurso presente em cada registro. Conforme Eliane Fleck:

A literatura de viagem constitui-se numa das principais fontes para a historiografia, sendo também amplamente utilizada em trabalhos de literatura, sociologia e antropologia. Deve-se, sempre, considerar que as descrições e informações constantes nesses relatos constituem, na verdade, representações, reinvenções da realidade, produzidas com base nas visões de mundo dos viajantes que incidem sobre a feitura e sobre a transformação historiográfica de uma memória (Fleck, 2006, p. 273).

Em relação a Saint-Hilaire⁵, ele chegou a Torres em 5 de junho de 1820. Da praia, destacou os “montes” os quais “avançam mar adentro”. A construção da igreja e a finalização do forte, bem como o trabalho efetuado por índios (“uns vieram das Missões, outros de Entre-Rios e do Paraguai”), foram alvo de suas considerações. No que tange aos aspectos administrativo e militar, mencionou o pagamento do pedágio o qual deveria ser feito à guarda que permanecia junto ao rio Mampituba; a construção da igreja, ainda em estágio inicial; o erguimento do forte, onde também estava o alojamento dos soldados e do alferes que comandava a empreitada; a visita realizada à residência do alferes, onde foi recebido e tratou da sua hospedagem em uma casa humilde e emitiu opinião sobre a possível invasão espanhola via Laguna e Torres. Formulando hipóteses científicas, desconsiderou a investida dos espanhóis sobre o território português, pois, “desde Laguna até aqui, a costa é tão baixa e de tal modo castigada pelas ondas, tão perigosa para as pequenas embarcações, que nem se podia imaginar que os inimigos [...] ousassem desembarcar” (Saint-Hilaire, 2004, p. 12).

Mesmo tecendo tais considerações, Saint-Hilaire deixou de mencionar o nome do alferes com o qual havia conversado e, o mais importante, silenciou sobre a relação do espaço torrense com as guerras que envolviam o Sul da América. Da mesma forma, não houve nenhuma manifestação em relação ao Ten. Cel. Francisco de Paula Soares, militar chegado ao LNRS em 1819. Quiçá, Paula Soares estivesse em Porto Alegre tratando de alguma questão

⁵ “Cumprir citar também o botânico francês Augusto de Saint-Hilaire, que durante os anos de 1816 a 1822 percorreu grande extensão das terras brasileiras, descrevendo minuciosamente e com grande penetração as províncias do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, São Paulo (inclusive o Paraná), Santa Catarina, Rio Grande do Sul e a Cisplatina. Além das suas conhecidas obras de viagem, *Voyages dans l'intérieur du Brésil* (em vários volumes), que só muito mais tarde vieram a lume, publicou trabalhos científicos sobre a flora brasileira e deu algumas contribuições de valor ao estudo das línguas indígenas, apresentando, entre outras, pequenos vocabulários malali, monoxó, macuni, maxacali e coroadó”. Ver Oberacker 1997, p. 120-121. De acordo com Eliane Fleck, “o botânico francês Auguste de Saint-Hilaire veio ao Brasil em 1816, acompanhando a missão extraordinária do duque de Luxemburgo, cujo objetivo era resolver o conflito que opunha Portugal e França quanto à posse legítima da Guiana”. Ver: Fleck, 2006, p. 273-307, p. 297.

administrativo-militar. Ou, então, por algum outro motivo, Saint-Hilaire não julgou importante referir a atuação do Ten. Cel. junto a Torres. Ao que parece, o cientista preferiu se ocupar daquilo que estava mais diretamente ligado a sua missão, ou seja, exercer o papel de botânico e viajante europeu. As questões bélicas envolvendo Portugal, Espanha e outros agentes históricos interessados no conflito belicoso receberam pouca atenção por parte de Saint-Hilaire. As mudanças que estavam ocorrendo naquele espaço, como a construção da igreja e do forte, foram preteridas pela observação e coleta de exemplares da flora regional. Sobre as primeiras páginas do seu relato, elas são, de fato, dirigidas à descrição das torres e da pequena vegetação que a acompanha. As torres são o que há de maior no cenário litorâneo; em contraste, estão a aparência dos índios – com “fisionomia verdadeiramente ignóbil”, segundo Saint-Hilaire – e a pobreza das choupanas. No que tange à pobreza das choupanas, da vegetação e dos campos, é possível que esse cenário por vezes melancólico tenha colaborado para entristecer, ainda mais, o espírito do cientista. Ou, então, seu espírito entristecido, facilmente identificado quando o autor faz comparações com a França e se recorda de sua mãe, colaborou para que Saint-Hilaire visse e registrasse o cenário investigado de forma acinzentada e menos colorida.

Embora cientista, Saint-Hilaire lançou um olhar sobre os indígenas que encontrou no LNRS o qual, hoje, pode ser analisado sob o crivo de (pré)conceitos. Fleck, ao analisar os registros do “brigadeiro don Felix de Azara, que esteve na região do Prata entre 1781 e 1801” (*ivi*, p. 292), constatou que Azara “não se desvinculou dos seus (pré)conceitos, associando-os [os indígenas] a selvagens e animais” (*ivi*, p. 295). Por certo, o estranhamento e o olhar eurocêntrico de alguns viajantes dificultaram e/ou impediram que a relação cientista-objeto se desse de forma mais objetiva e criteriosa. De igual modo, Saint-Hilaire parece ter se chocado não somente com as choupanas, mas, de acordo com Fleck, com o fato de “os nativos da terra, mesmo ricos, não [possuírem] lareiras em suas casas, diferentemente do mais humilde camponês da França” (*ivi*, p. 297). Novamente, a comparação levou em conta cenários distintos, isto é, Brasil e França; pelas palavras do cientista, haveria melhores condições de vida no território francês do que no brasileiro. Como estudioso, aspectos sociais e econômicos poderiam ter pautado as observações de Saint-Hilaire, o que o levaria, com certeza, a outros resultados e interpretações.

Ao cruzar o LNRS de Torres a Viamão, Saint-Hilaire registrou as culturas que eram plantadas pelos pequenos agricultores. A mandioca já se constituía o principal produto da região, acompanhada de milho, feijão, cana-de-açúcar e trigo. Ao passar pelas lagoas, constatou que as plantações eram realizadas numa das margens, e, o lado oposto, onde havia maior abundância de pastagem, era usado para a incipiente pecuária. Conforme estudos de Lunckes, atividades agrícolas, como a plantação da mandioca e da cana-de-açúcar, estavam diretamente relacionadas ao trânsito das tropas que usavam a zona litorânea como corredor de passagem. Duplamente importantes, a farinha de mandioca e a aguardente garantiam a subsistência dos agricultores e alimentavam os soldados.

Do diário de Saint-Hilaire, verifica-se que ele agiu como cientista, uma vez que registrou e coletou inúmeras plantas; de igual modo, preocupou-se em descrever a fisionomia das pessoas, seu vestuário e acomodações, a economia local – agricultura, pecuária, pesca – e a natureza, com destaque para as torres e as lagoas. Quando descreveu o tipo físico dos litorâneos, comparou-os com

modelos que estavam formatados em sua mente e cultura. Isso pode ser facilmente percebido quando falou dos indígenas, dos escravos e dos homens livres e pobres. A *rudeza* de suas aparências chocou o observador. No que tange à descrição das lagoas, ao que parece, Saint-Hilaire teve dificuldade em acompanhar o manancial de águas formado pelas diversas lagoas do LNRS. Iniciando sua trajetória em Torres, considerou a possibilidade de que todas as lagoas seguintes fizessem parte desta primeira (lagoa da Itapeva). Na sequência da viagem, em outra localidade litorânea, foi explicado ao cientista que existiam outras lagoas, as quais se comunicavam por meio de canais.

Ainda, fazendo-se uma análise mais geral dos registros de Saint-Hilaire, pode-se dizer que os aspectos relacionados à geografia, à natureza, à economia e à composição social tiveram primazia sobre outros. Em relação ao espaço, o autor o considerou praticamente vazio, deixando de fazer menção à passagem das tropas pela região. É de se estranhar o silenciamento do autor, uma vez que o espaço compreendido entre Laguna e o extremo Sul (hoje, o Uruguai) havia se constituído em corredor de passagem. Isto é, área de trânsito para tropas, missionários jesuítas, indígenas livres e em deslocamento forçado, aprisionadores de indígenas, comerciantes, aventureiros, desertores, comerciantes, criadores de gado, entre outros que, antes e depois do século XVI, trilhavam pela região. Como observador, Saint-Hilaire selecionou certas imagens para serem registradas, em detrimento de outras. Em decorrência disso, leu-se e estudou-se o seu diário como um recorte, como representação de uma certa realidade vivenciada pelo cientista.

O próximo viajante analisado neste texto foi o militar suíço Carl Seidler⁶, o qual passou pelo LNRS no ano de 1829. Portanto, nove anos depois de Saint-Hilaire. Seidler estava em Porto Alegre, onde requisitou o soldo devido pelo Estado há mais de dois anos. O motivo pelo qual regressou à província de Santa Catarina estava relacionado à “ordem imperial [que] manda que regressem aos seus batalhões ou regimentos todos os oficiais transferidos para outro corpo”. (Seidler, 1980, p. 224). A partir disso, conseguiu cavalos para empreender viagem de Porto Alegre até Laguna ou Desterro (Florianópolis). Neste texto, deixar-se-á de lado a descrição da capital rio-grandense, para, imediatamente, se analisar a trajetória de Seidler a partir da “Freguesia de Viamão”. Dessa localidade, destacou a igreja, “enriquecida de toda espécie de ornatos fabulosos”, e a parca agricultura. O militar chegou a salientar que “não há nada plantado, absolutamente nada”. Seguindo viagem, atravessou o rio Capivari, sob forte chuva, obrigando-o a pernoitar numa “miserável venda, inteiramente isolada”. A próxima localidade alcançada foi a Freguesia de Conceição do Arroio, hoje Osório, de onde alcançaram o rio Tramandaí. O restante da viagem se deu mais próximo do mar, o que causou profunda nostalgia no viajante. Do seu relato, destaca-se:

Por fim, chegados à borda escarpada do mar, fiquei parado de braços cruzados, a olhar em silêncio, cheio de saudade, por sobre a intérmina superfície do

⁶ “Além dos naturalistas, outros viajantes escreveram sobre o nosso país, deixando, por vezes, livros de valor para o conhecimento e os estudos da época, principalmente sobre o aspecto histórico e sociológico. Basta mencionar os alemães von Leithold, Rango, von Weech e os três mercenários Boesche, Schlichthorst e Seidler que, sem dúvida, em virtude do caráter mais popular de suas obras, contribuíram bastante para divulgar o conhecimento do Brasil nos países da Europa Central” (Oberacker 1997, p. 129).

oceano. Só quem algum dia, distante muitas centenas de léguas de seu torrão natal, depois de anos de luta, recorda com apaixonada afeição a pátria amada, pode realmente compreender as sensações inundantes que eu havia de experimentar naquele momento, quando deparei com a imensidade imperscrutável do oceano (*ivi*, p. 227).

Ao chegar a Torres, Seidler deparou-se com uma comemoração referente à vitória de um colono alemão para o cargo de juiz de paz. O viajante relatou que foram acolhidos pela comunidade local, de tal forma que participaram da festa, comeram, beberam e dialogaram com as autoridades ali presentes. Depois disso, Seidler aproveitou para visitar as comunidades do interior, onde presenciou a forma de viver dos colonos alemães católicos recém-instalados entre as lagoas do Morro do Forno e do Jacaré. A Colônia de São Pedro de Alcântara, onde estavam os colonos, distava “5 a 6 léguas” de distância da vila torrense. A primeira observação de Seidler foi sobre a qualidade do solo: “em parte o terreno nesta região é muito fértil, mas também outra parte é tão pedregoso ou a tal ponto coberto da mais densa, impenetrável mata, que o agricultor estrangeiro tem de lutar” (*ivi*, p. 230). O viajante responsabilizou o governo pela má distribuição das terras, inclusive, da divisão da Colônia em dois grupos: católicos, mais perto de Torres, os quais ganharam as melhores terras, e protestantes, mais distantes, no Vale do rio Três Forquilhas, onde estariam, segundo o autor, as terras de pior qualidade.

O segundo aspecto observado por Seidler em relação aos colonos é o conflito com os índios. De acordo com o autor, os colonos que estavam mais para dentro da mata ou mais distantes de seus vizinhos, viram-se, muitas vezes, *atacados* por grupos de índios. A impossibilidade de plantar ou de colher teria levado muitas famílias a retornar a São Leopoldo, onde estariam mais seguras e distantes dos *ataques*. É bastante provável que Seidler tenha colhido essas informações de duas maneiras: no contato que estabeleceu com Paula Soares e na visita *in loco* aos colonos católicos já assentados. De acordo com Paula Soares, “não foi de menos vantagem para o lugar criar [...] uma companhia de ordenanças sertanejas destinada a perseguição do gentio que infesta a costa da Serra com prejuízo da agricultura” (de Paula Soares de Gusmão, 1822). Segundo estudos de Mariseti Lunckes, já em 1816 o Oficial do exército português, Francisco de Paula de Azeredo, observou que o *gentio* importunava os habitantes do litoral. Através dessas considerações, é possível concluir que as observações de Seidler foram pertinentes e refletiram o contato não amistoso estabelecido entre os colonos alemães católicos e os grupos indígenas que habitavam as encostas do LNRS.

Da mesma forma, a quantidade de animais existentes na região era tamanha que, muitas vezes, destruíam parte das plantações. Seidler listou alguns deles, como a capivara, a “onça malhada”, os papagaios e os macacos. Porém, as críticas do viajante são dirigidas, especialmente, às autoridades, as quais não pagavam, regularmente, o “auxílio pecuniário” prometido aos colonos. Por algumas páginas, o militar suíço que se desentendeu com as autoridades em Porto Alegre dirige severas críticas aos governos imperial e provincial no que diz respeito à imigração e aos cuidados que os colonos deveriam receber desde a sua chegada e instalação no Brasil. Embora tenha uma linguagem mais rebuscada, muitas vezes quase poética, Seidler é bem mais crítico com o governo do que o primeiro viajante ora analisado. Ao que parece,

Saint-Hilaire agiu como cientista, muito mais preocupado em descrever a paisagem do que analisar a situação dos moradores da região e criticar o governo, por exemplo, pelo recrutamento forçado dos homens. Depois de Torres, Seidler adentrou a província catarinense em direção a Laguna.

Saint-Hilaire e Seidler passaram pelo LNRS em 1820 e 1829, respectivamente. Entre a passagem de um e de outro, está a colonização alemã em Torres, efetuada a partir de 17 de novembro de 1826. Aspectos que foram vistos, percebidos, observados por Seidler deixaram de ser vistos por Saint-Hilaire em função da ausência de um fato histórico – leia-se, a instalação da Colônia Alemã das Torres. Portanto, o espaço social descrito por Saint-Hilaire é outro se a colonização for tomada como parâmetro. Já o mundo experimentado por Seidler tem novos agentes históricos, novas relações sociais, novas tensões e conflitos sociais, novo desenvolvimento econômico, embora o cenário paisagístico guarde ingredientes quando da passagem de Saint-Hilaire pela região, como as próprias torres, o rio Mampituba, a lagoa da Itapeva, entre outros.

Entre o que foi visto por um e o que deixou de ser visto pelo outro, está a transformação do espaço litorâneo em virtude das guerras e a proposta de ali se constituir uma Colônia com agricultores e artesãos. Tanto para a guerra, quanto para a concretização do núcleo colonial, foi preciso incrementar o número de trabalhadores e de autoridades junto as Torres. Na época de sua passagem pelo LNRS, Saint-Hilaire pôde testemunhar um espaço que estava se transformando em razão das guerras. Segundo Lunckes, a *metamorfose* desse espaço estava inserida no projeto político-português de expansão em direção à Banda Oriental e deve ser interpretada sob o viés dos conflitos de fronteira no Brasil Meridional. Ainda conforme Lunckes,

Nossa hipótese de trabalho está baseada na conjuntura política do período em relação aos negócios com o Prata. O Governo Imperial, preocupado com a fronteira no Sul, desenvolveu um projeto de ocupação e organização desse espaço, em que Torres está inserida por desempenhar, desde o séc. XVIII, um papel de zona de trânsito em direção à Banda Oriental. Em 1815, observa-se uma preocupação das autoridades que buscavam dinamizar o espaço em estudo, culminando com o envio para as Torres, em 1819, do Ten. Cel. Francisco de Paula Soares de Gusmão. Atendendo às ordens do Governador da Capitania, ele foi ao litoral norte com o objetivo de fortificar e defender a Ponta das Torres, desenvolvendo projetos de povoamento. A partir de 1824, o espaço é preparado para o assentamento de colonos alemães. Uma pequena colônia com finalidade estratégica, na qual os imigrantes alemães deveriam ser incorporados ao espaço local, desempenhando o papel de lavradores e soldados. O fenômeno da imigração alemã, dentro da nossa hipótese, está centrado na organização e valorização do espaço sulino que se expandia em direção à Banda Oriental, através das campanhas militares de 1811 e 1816; dos acontecimentos de 1821 e 1822, como também da guerra entre Brasil, Confederação Argentina e Uruguai, nos períodos de 1825 a 1828 (Lunckes, 1998, p. 11).

Assim sendo, o aumento do número de tropas exigiu a melhor organização da Ponta das Torres; a construção do forte demonstrou que aquele espaço deixava de ser transitório e se tornava permanente, tanto para a defesa do território quanto para o abastecimento das tropas. Seidler, por sua vez, deparou-se com a pequena vila já constituída e com a Colônia alemã já dividida

em dois núcleos: o de São Pedro de Alcântara, onde ficaram os católicos; e o de Três Forquilhas, onde foram assentados os protestantes. Portanto, de 1820 a 1829, o LNRS foi passando por transformações que podem ser acompanhadas quando as *visões* de Saint-Hilaire e de Seidler são colocadas lado a lado. Talvez sejam raros os relatos que evidenciam as alterações de um espaço através de dois testemunhos separados no tempo, mas que, se somados, estabelecem frutíferas relações entre si.

Ainda a partir dos registros elaborados pelos viajantes, há a possibilidade de se construírem “mapas mentais”, isto é, descrever a região visitada através de mapas, desenhos ou croquis construídos a partir do que cada viajante relatou. Acidentes geográficos, resquícios de ocupação indígena, vilas, empreendimentos agrícolas, comerciais e/ou industriais, obras públicas, como pontes e postos de pedágio, entre outros marcos importantes, podem se constituir em elementos significativos para a criação de “mapas mentais” do LNRS. Dessa forma, os elementos presentes na geografia, na fauna e na flora são complementados por tudo aquilo que foi gerado através da interferência humana. A sobreposição de “mapas mentais” de diferentes épocas não só registrariam a paisagem de determinado momento, mas permitiriam observar como a região foi modificada pelos inúmeros agentes históricos que a percorreram em épocas distintas.

Bibliografia

- FLECK Eliane - Cristina DECKMANN. De terra de ninguém à terra de muitos: olhares viajantes e imagens fundadoras (do século XVII ao XIX) in CAMARGO, Fernando - Ieda GUTFREIND - Heloisa REICHEL (orgs.). *Colônia*. Passo Fundo, Méritos, 2006. (p. 273-307). [Coleção História Geral do Rio Grande do Sul].
- LUNCKES Marisete Cristina Soares. *Um velho projeto com novos rostos: uma colônia alemã para a Ponta das Torres*. São Leopoldo, 1998. Dissertação [Mestrado]. História da América Latina. Programa de Pós-Graduação em História – UNISINOS, 1998.
- OBERACKER Carlos. Viajantes, naturalistas e artistas estrangeiros in HOLLANDA Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira*. n. 3. Tomo II. 1º. vol. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997. (p. 119-131).
- DE PAULA SOARES DE GUSMÃO Francisco Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul – AHRS. Fundo: Autoridades Militares. *Correspondência do Ten. Cel. Francisco de Paula Soares de Gusmão*. Lata 176. Maço 2. Doc. 358. Ano 1822. *Revista do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul* – APERS, n. 15-16, Set/Dez de 1924. Livro 6. Correspondência ativa do governo da província com o governo central.
- SAINT-HILAIRE Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. 4 ed. Porto Alegre, Martins Livreiro Editor, 2002.
- SAINT-HILAIRE Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1974.
- SEIDLER Carl. *Dez anos no Brasil*. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

Marcos Antônio Witt é professor no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS; Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS; associado ao Instituto Histórico de São Leopoldo.

Contato: mawitt@unisinis.br marcoswitt@terra.com.br